

Novas investigações em Vale de Rodrigo

■ MARTIN HÖCK¹ ■ PHILINE KALB²

RESUMO Apresentação dos resultados obtidos na área de Vale de Rodrigo entre 1993 e 1996 de acordo com as várias linhas de pesquisa:

1. prospecção arqueológica na zona megalítica de Vale Rodrigo (identificação e realocações);
2. prospecção geológica visando a caracterização petrográfica dos monumentos, confrontando o seu afastamento com as fontes de aprovisionamento;
3. prospecção geofísica em monumentos megalíticos e no povoado do Monte da Ponte;
4. intervenção de campo no povoado calcolítico do Monte da Ponte (prospecção geofísica e escavações arqueológicas), atestando-se a sua grande dimensão, a presença de várias linhas de muralha, bastiões e uma torre central;
5. intervenção de campo no monumento de Vale de Rodrigo 3. Os trabalhos efectuados na câmara permitiram redimensionar a sua arquitectura (presença de um pilar central) e de um espólio votivo, surgindo paralelamente com materiais de contexto de povoado (crescentes).

ABSTRACT New Investigations at Vale de Rodrigo This paper presents the results obtained in the area of Vale de Rodrigo between 1993 and 1996 along various lines of research:

1. archaeological survey in the megalithic zone of Vale de Rodrigo (identification and re-location of sites);
2. geological survey aimed at the petrographic characterization of the monuments, and considering their transport from the raw material sources;
3. geophysical survey at megalithic monuments and at the settlement of Monte da Ponte;
4. field intervention in the Chalcolithic settlement of Monte da Ponte (geophysical survey and archaeological excavations), attesting to its large size, the presence of various lines of walls, bastions, and a central tower, and
5. field intervention at the monument of Vale de Rodrigo 3. The work carried out in the chamber allowed us to reevaluate its architecture (the presence of a central pillar) and its votive deposits, appearing alongside materials from a settlement context (crescents).

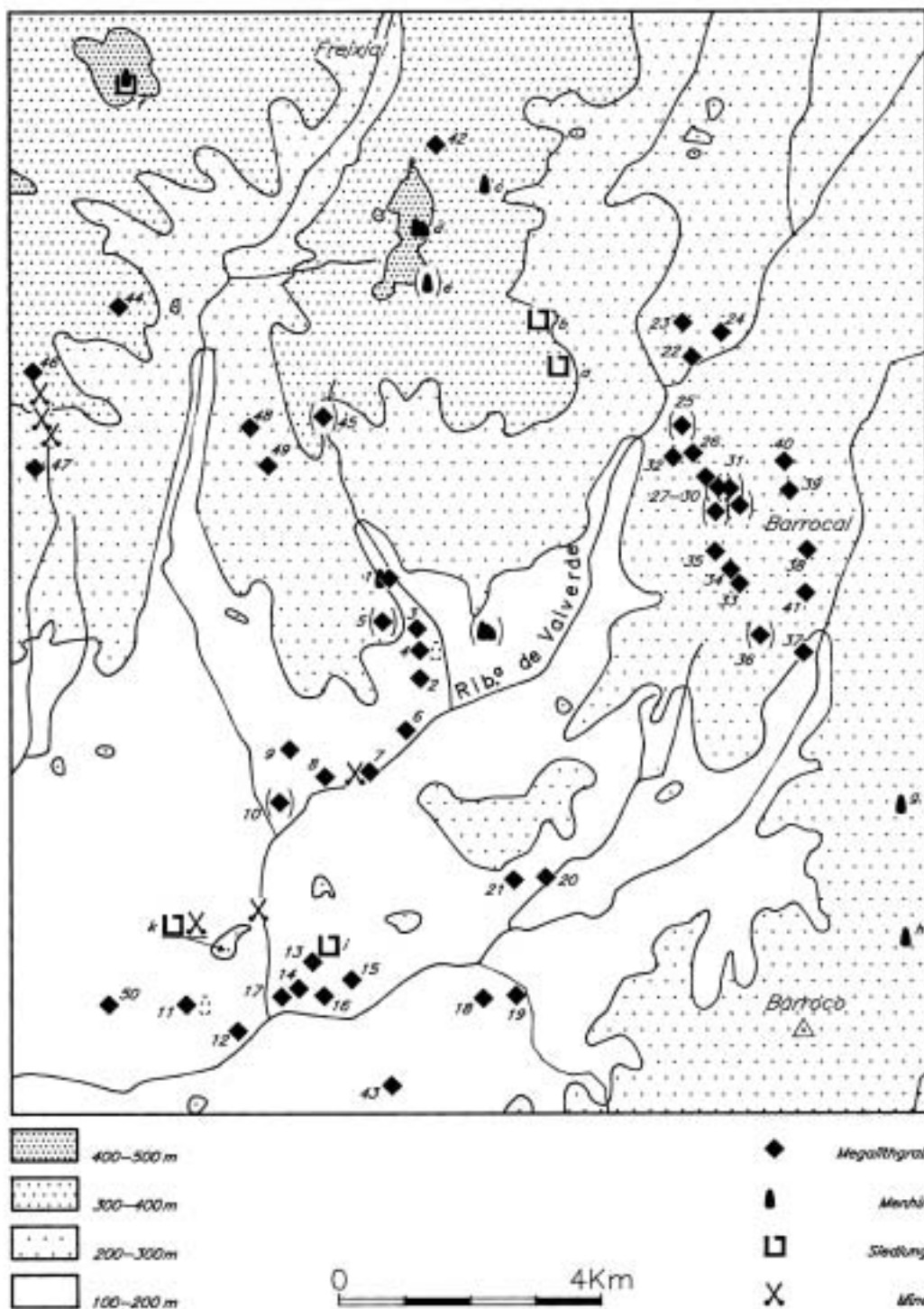
Introdução

No 1.º Congresso de Arqueologia Peninsular, em 1993, apresentámos à comunidade científica o nosso projecto de investigação na zona megalítica de Vale de Rodrigo³.

Passaram, entretanto, três anos quase certos, e os trabalhos, tanto de prospecção como de escavação, prosseguiram neste tempo, dos quais demos notícias em diversas ocasiões⁴.

Prospecção arqueológica

Entre 1993 e 1996 foram identificados sete novos monumentos, entre eles quatro antas e três menires. As antas situam-se todas na zona meridional da nossa área de trabalho, à volta do entretanto verificado povoado calcolítico do Monte da Ponte. São elas Monte da Ponte 5, Parreira 1, Parreira 2 e Monte da Igreja (Fig. 1).



CONCELHO ÉVORA

- | | | |
|---------------------|---------------------|---------------|
| 1 Vale de Rodrigo 1 | 15 Monte da Ponte 3 | 27 Álamo 1 |
| 2 Vale de Rodrigo 2 | 16 Monte da Ponte 4 | 28 Álamo 2 |
| 3 Vale de Rodrigo 3 | 17 Monte da Ponte 5 | 29 Álamo 3 |
| 4 Vale de Rodrigo 4 | 18 Parreira 1 | 30 Álamo 4 |
| 5 (Vale de Rodrigo) | 19 Parreira 2 | 31 Álamo 5 |
| 6 Montinho de | 20 Albardeiras 1 | 32 Álamo 6 |
| Corta Braços | 21 Albardeiras 2 | 33 Barrocal 1 |
| 7 Entre-Águas 1 | 22 Anta Grande | 34 Barrocal 2 |
| 8 Entre-Águas 2 | do Zambujeiro | 35 Barrocal 9 |
| 9 Entre-Águas 3 | 23 Anta 2 do | (Almedões) |
| 10 (Entre Águas) | Zambujeiro | 36 Barrocal 3 |
| 11 Casa Branca 1 | 24 Anta 3 do | 37 Barrocal 4 |
| 12 Casa Branca 2 | Zambujeiro | (Peramanca) |
| 13 Monte da Ponte 1 | 25 Mitra 1 | 38 Barrocal 5 |
| 14 Monte da Ponte 2 | 26 Mitra 2 | (Aguilhão) |

CONCELHO

- MONTEMOR-O-NOVO**
- 46 Herdade da Sala (Tholos)
 - 47 Nossa Senhora do Livramento
 - 48 Monte da Rocha
 - 49 Outeiro de São Brissos

CONCELHO

- VIANA DO ALENTEJO**
- 50 Almo de Baixo

OUTROS MONUMENTOS

- a Castelo do Giraldo
- b Corôa de Frade
- c Menir dos Almendres
- d Cromlech dos Almendres
- e Menir de Vale de Cardos
- f Menir de São Sebastião
- g Menir do Seixo
- h Menir do Zambujeiro
- i Monte da Ponte
- k Alcalainha

FIG. 1 – Zona megalítica de Vale de Rodrigo. Área de trabalho.

Os novos menires parecem situar-se todos em locais de divisão de bacias hidrográficas: São Sebastião da Giesteira, grosso modo entre o Rio Almansor e a Ribeira de Alcáçovas; e os menires de Seixo e Zambujeiro entre esta última e o Rio Xarrama. Nesta linha divisória inserem-se, também, mas já fora da nossa área de trabalho, os recém descobertos menires do Monte das Flores e de Casainha⁵.

Além disso foi nos possível de reencontrar o menir de Vale de Cardos e a Anta da Mitra 1⁶.

Grande importância atribuímos à comprovação do Monte da Ponte como povoado calcolítico.

Prospecção geológica

Em 1994 foram estudados e petrograficamente classificados os seguintes monumentos: Mitra 2, Álamo 5, Almedões, Zambujeiro 2, Zambujeiro 3. As pequenas antas Álamo 5 e Zambujeiro 3 consistem de um único tipo de rocha, em ambos os casos o biotite-tonalito, que aflora nas imediações.

A prospecção de 1995 foi concentrada à volta dos monumentos do Monte da Ponte, uma vez que na altura da Campanha geológica, o povoado acima mencionado correu perigo de ser totalmente destruído.

O estudo geológico dos monumentos Monte da Ponte 1 e 2 revelou um novo aspecto quanto ao material de construção em antas pequenas: nos dois monumentos foram empregues esteios de procedências diferentes, de biotite-tonalito e de biotite-horneblenda-tonalito. Os dois tipos de rocha não se distinguem à vista desarmada e, apesar da sua semelhança mineralógica, não aparecem nos mesmos afloramentos naturais. O significado, para o homem pré-histórico, de as empregar deve residir na procedência de locais diferentes⁷. A biotite-horneblenda-tonalito, no caso das antas 1 e 2 de Monte da Ponte, pode proceder dum local além da Ribeira de São Brissos, numa distância de 1,5 a 2 km.

Em 1996, ao estudar e classificar a petrografia dos menires São Sebastião, Zambujeiro e Seixo, foi reconhecido um segundo menir, tipo pedra talha, no Alto de São Sebastião. A matéria prima, tanto do menir anteriormente identificado, como da pedra talha (trata-se de rochas petrograficamente diferentes), não aflora nos arredores.

Uma primeira vista ao menir de Vale de Cardos, de novo localizado, abriu a hipótese de trabalho, de se tratar de matéria prima vindo do Alto do Barroco (tal como no caso do menir de Vale de Rodrigo 1). Ao comprovar-se esta ideia, seria de 14 km a distância em linha recta entre os locais de extracção do monólito e da sua colocação.

Prospecção geofísica

Além de medições subsidiárias nas mamoadas de Vale de Rodrigo 3, 2 e 1, maior empenho foi dado à prospecção magnética no povoado do Monte da Ponte.

Além de indícios de estruturas no interior da fortificação, o resultado mais evidente é a identificação de vários circunferências fortificatórias que não estão visível à superfície⁷.

Escavações em Vale de Rodrigo 3

Em 1992 e 1993, as escavações de Vale de Rodrigo 3 só tinham atingido a mamoa e a circunferência de pedras. Na altura não nos era possível publicar o perfil que através da mamoa se realizou contra os esteio da câmara (Fig. 2).

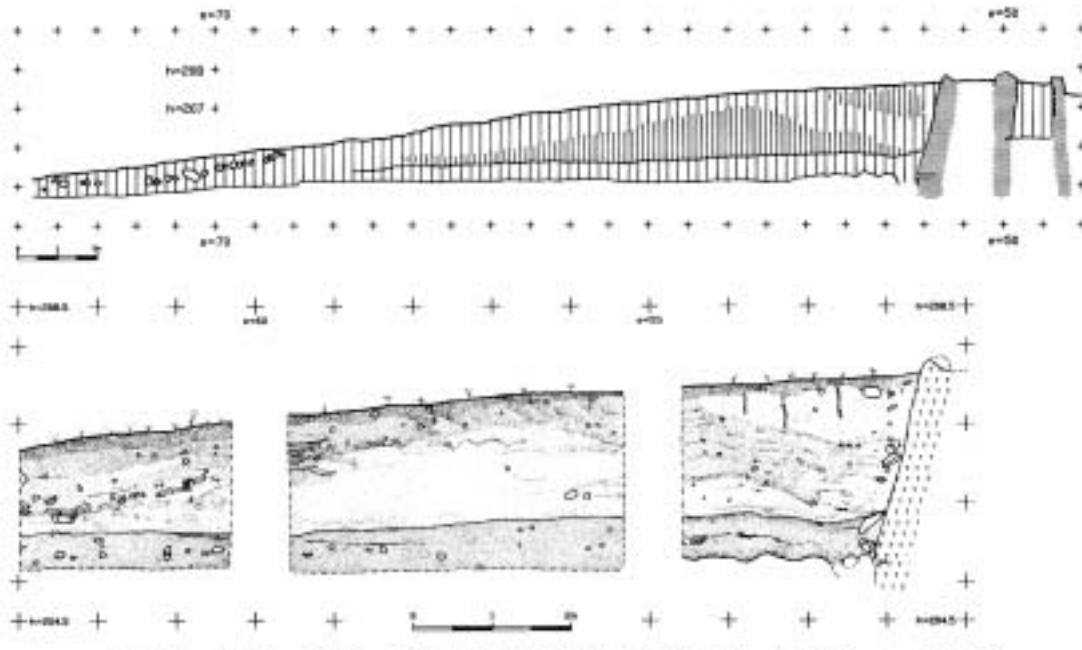


FIG.2 – Vale de Rodrigo 3. Corte 1, perfil da mamoa.

Como se lembrarão, as pedras, que estavam a vista antes da escavação, não eram, como os Leisner e nós próprios pensámos, os restos inferiores de esteios cortados, mas sim, os topos deles.

Foi na Campanha de 1994, que começámos a escavar no interior da câmara.

Um dos primeiros resultados era que a pedra n.º 24 não era um fragmento solto, mas sim, um grande pilar no interior da câmara (Fig. 3).

Um outro resultado era a descoberta do chapéu do monumento. Trata-se duma grande laje, partida em fragmentos, dos quais um tinha caído para o interior da câmara.

Para reconhecer a estratigrafia, fizemos dois pequenos cortes profundos (os Cortes 1/10 e 1/12). Para poder integrar os contextos e achados agora escavadas em conjuntos mais amplos, que esperamos que uma futura escavação, em maior superfície, nos venha a revelar, procedemos em camadas artificiais de ca. de 5 cm, localizando todos os achados. Numa profundidade de 2,20 m até agora escavados no Corte 1/10 desenhámos, assim, 43 planos e, no Corte 1/12, em 2 m 38 planos.

Até a cota de 206,32 m, o enchimento revelou-se sem achados *in situ*. Só a partir desta cota, que alias corresponde àquela onde repousaria o fragmento do chapéu, caído para o interior da câmara, encontrou-se material intacto, como placas de xisto, lâminas de sílex, vasos inteiros de cerâmica, etc.

Numa projecção em corte se pode, até ao momento, apreciar a seguinte distribuição dos achados:

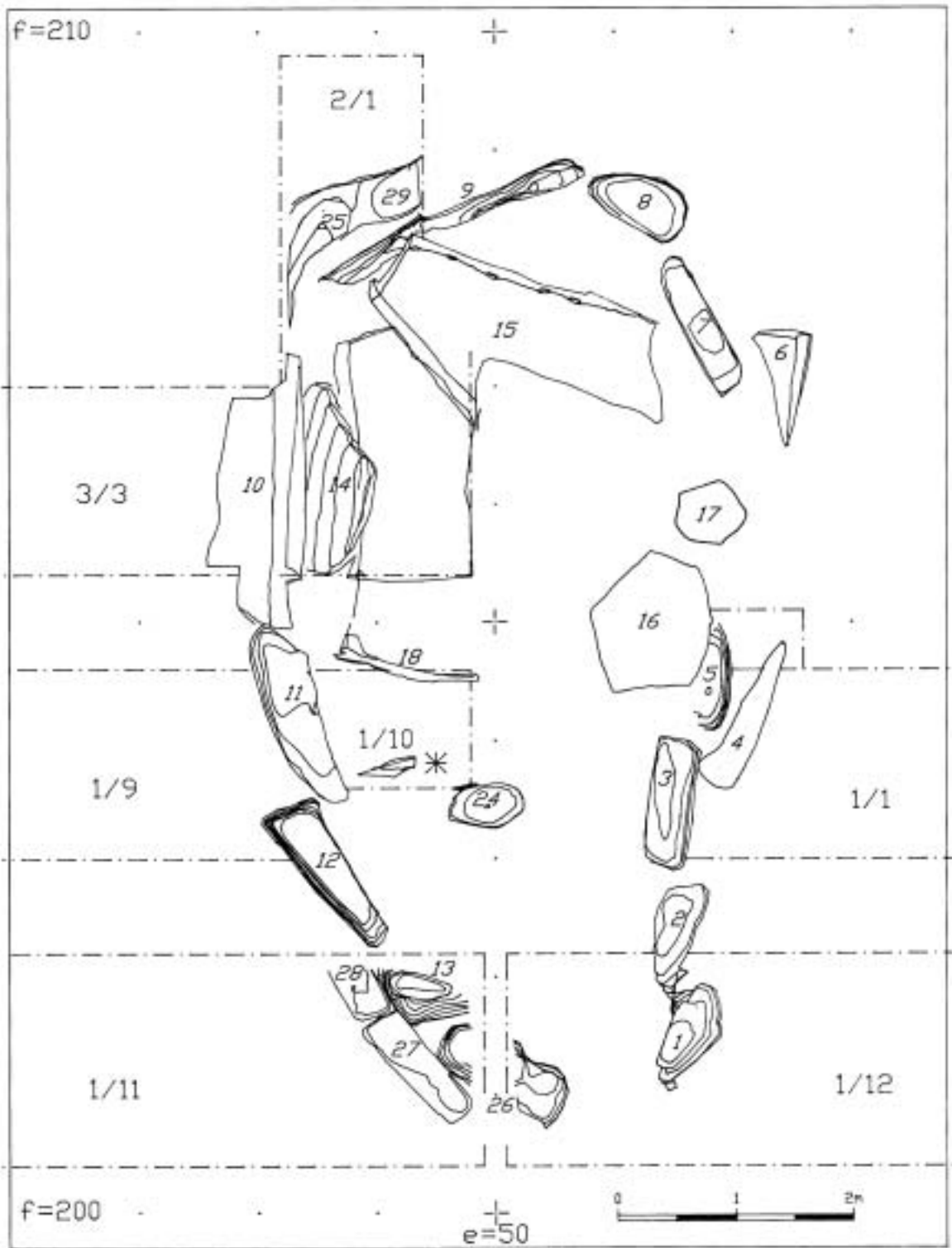


FIG. 3 – Vale de Rodrigo 3. Planta da câmara com indicação dos cortes.

Considerando que o Corte 1/12 corresponde à entrada da câmara funerária e o Corte 1/10 se situa mais no interior, as placas de xisto acusam a tendência de ser mais frequentes no interior, enquanto lâminas, vasos e pontas de seta são mais frequentes imediatamente detrás da entrada.

Ossos estão preservados somente em restos insignificativos. Assim cabe grande importância às localizações exactas dos achados, com a esperança de, a partir daqui, poder reconstruir as posições dos supostos cadáveres, tarefa que, aliás, se deve revelar bastante difícil.

Uma conclusão que se pode, talvez, já tirar agora, é que no momento da destruição do chapéu, estavam em uso, como oferendas funerárias, placas de xisto (entre eles também báculos), pontas de seta, lâminas, contas, etc.

Um dos problemas que se levanta a respeito dos achados no enchimento da câmara é a procedência dos fragmentos cerâmicos.

Eles encontram-se muito dispersos e não parecem corresponder a vasos inteiros, partidos dentro da câmara, mas antes, sim, trazidos, já fragmentados, desde o exterior.

Em corroboração desta observação veio o facto que, no Corte 1/10, quer dizer no corte interior, foram encontrados, na cota de 205,99 m (o que corresponde, aproximadamente, à cota onde foi encontrado o báculo 1194-4) dois fragmentos de crescentes. Estes utensílios não constam nos inventários normais das antas alentejanas e, ao contrário, são típicos dos povoados calcolíticos do Sul de Portugal.

O povoado do Monte da Ponte

Na área de trabalho encontramos-nos, entretanto, com dois povoados nitidamente calcolíticos: o Castelo do Giraldo e o povoado do Monte da Ponte. O Castelo do Giraldo foi escavado, por Afonso do Paço, nos anos 50 e, mais recentemente, por José Morais Arnaud. O material, constitui-se por diversos tipos de cerâmica, machados de pedra, “crescentes” etc., e encontra-se no Museu de Évora.

A sua situação, num alto, sobranceiro à Ribeira de Valverde, com vista para a zona megalítica daquela aldeia (as três antas de Zambujeiro, as duas da Mitra, as seis do Monte do Álamo e as nove da Herdade do Barrocal) faz nos pensar, que seja representante dalguma relação com estas.

Para o grupo das antas de Vale de Rodrigo e Entre-Águas, mais a jusante e do lado Norte da Ribeira de Alcáçovas, ainda não encontramos vestígios de povoado.

Para o grupo de antas a volta do Monte da Ponte, maioritariamente descobertas nos últimos anos durante os nossos trabalhos, o povoado do mesmo nome nos parece ser o povoado correspondente. Foi descoberto através da vista aérea, em 1989, mas até ao início deste ano (1996) quando já tínhamos prevista a abertura dum corte estratigráfico para finalmente ganhar algum material pré-histórico significativo, este não tinha aparecido, apesar da intensa prospecção de superfície que ali efectuamos durante os últimos sete anos.

O material que entretanto apareceu no corte confirma, plenamente, a suspeita, de se tratar duma fortificação calcolítica.

O corte em causa localiza-se na plataforma superior, entre a torre central e a segunda muralha, e passa até ao exterior da mesma, para a plataforma imediatamente inferior.

As escavações puseram a descoberto uma face interior desta muralha, indicando que existem, tal como em outros povoados calcolíticos, varias faces adossadas.

Além disso, o corte parece atravessar um bastião, de cujo enchimento procede numeroso material calcolítico e muito barro queimado, com fragmentos de revestimento de

cabanas, de ramos e madeiras, o que faz pensar num incêndio, anterior à construção desta fase tardia da segunda muralha.

Bastiões há, sobretudo, em maior número, na quarta muralha. Foram detectados na planta das medições magnéticas, efectuadas entre 1994 e 1996 (Fig. 4). No verão seco de 96 eram também visível no terreno, quando as ovelhas tinham devorado ao máximo todas as ervas ali existentes.

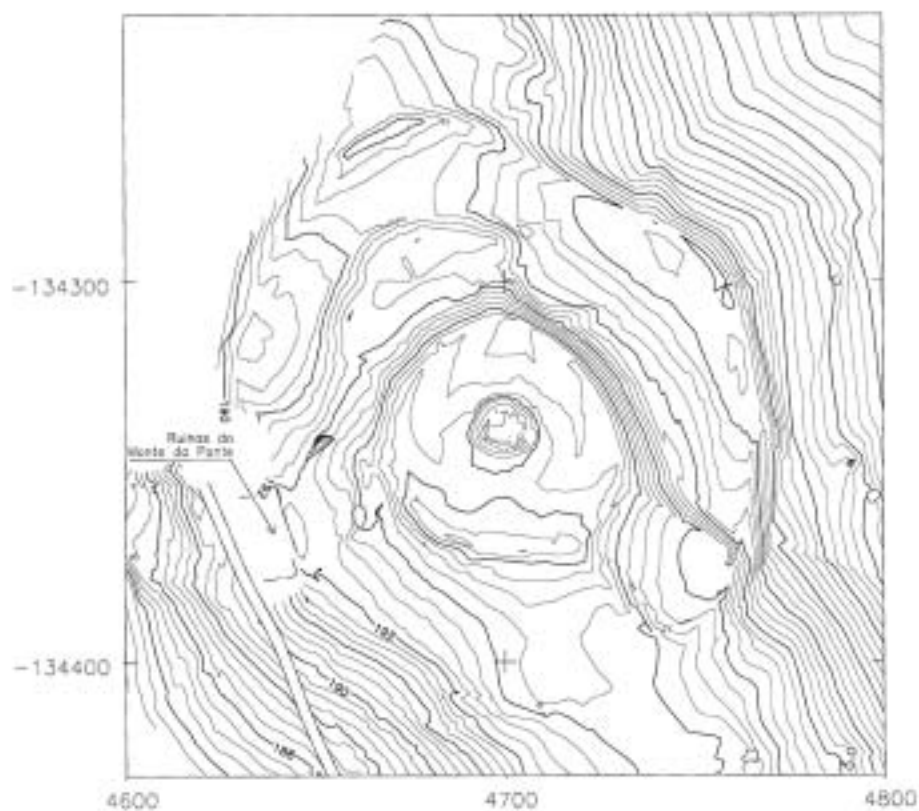


FIG. 4 – Monte da Ponte. Planta topográfica e medições magnéticas.

O Monte da Ponte não se encontra num alto pronunciado, mas tem uma visibilidade enorme. Avista-se daqui a maioria das antas da cercania, assim como algumas outras de maior distância, por exemplo Vale de Rodrigo 4 (outrora existente no sítio do actual monte) a 4 km, a Anta do Monte de Casa Branca, e a anta-capela da Nossa Senhora do Livramento a 9 km em linha recta. Considerando que a fortificação, sobretudo a torre central se elevaram um tanto mais ainda, a partir do povoado fortificado do Monte da Ponte se pôde controlar toda a planície entre as serras de Monfurado e de Mendro, o que corresponde à grande parte das bacias hidrográficas da Ribeira de Alcáçovas e do Xarrama nos seus cursos médios.

Ainda há de mencionar uma observação, feita por ocasião da implantação do Corte 1 de escavação e determinante para a sua localização exacta. Este corte é orientado em sentido Oeste-Leste, passando o seu alinhamento pelo interior da torre central. O rumo do perfil norte incide num bloco de biotite-tonalite, alóctono no sítio, implantado em pé e calçado por pequenas pedras de gnaiss e outras, a cerca de 165 m do centro da torre central. No mesmo rumo deste menir, já na distância de algumas centenas de metros, existe o afloramento de um filão de rocha mais dura, com uma elevação pronunciada, e entre esta e o menir ainda se pode observar, na mesma linha, dois blocos de pedra não aflorante, de dimensões oblongas.

Conclusões

As observações na zona do Monte da Ponte (povoado calcolítico com 13 antas na vizinhança) no Castelo do Giraldo (povoado calcolítico com 19 antas nas vizinhanças) e o facto de termos encontrado, no monumento 3 de Vale de Rodrigo, fragmentos de crescentes numa camada, que nós consideramos intacta por ter fornecido, entre outros um báculo inteiro, deduzimos, que as antas de Vale de Rodrigo estavam abertas e foram utilizadas em pleno calcolítico, o que, aliás, não constitui surpresa. A existência duma mina de cobre, hoje em dia abandonada, entre Vale de Rodrigo e Entre-Águas, com um minério muito rico (teor superior a 30 %) e, mesmo com processos pré-históricos, facilmente aproveitável, vem ao encontro desta interpretação.

NOTAS

- ¹ Universidade da Beira Interior.
- ² Instituto Arqueológico Alemão.
- ³ Kalb e Höck, 1995, 195-210.
- ⁴ Kalb e Höck, (no prelo), Kalb, 1996, p. 683-685, Kalb e Höck (no prelo), Kalb e Höck (no prelo), Kalb und Höck, 1997, 1-20.
- ⁵ Neste Colóquio, R. Joussaume aludiu ao costume de um grupo megalítico da Etiópia, que fabrica, obrigatoriamente, a cerâmica funerária de duas qualidades de argila, provenientes de sítios diferentes, sem que para isso há qualquer explicação técnica ou estética. (Texto provavelmente a publicar nas actas deste encontro, previsto para 1997).
- ⁶ Agradecemos à Susana A. Monteiro dos Reis, Lisboa, o estudo prévio da geologia deste menir.
- ⁷ Remetemos para a nossa comunicação, proferida no 2.º Congresso de Arqueologia Peninsular, em Zamora. No âmbito da publicação do nosso texto, o cientista responsável pelas medições e a sua interpretação, H. Becker, explica o método utilizado e dá uma imagem mais pormenorizada das possíveis interpretações.

BIBLIOGRAFIA

- KALB, P. (1996) - Megalithic transport and territorial markers: Evidence from Vale de Rodrigo, Évora, South of Portugal. *Antiquity*. Cambridge. 70, 269, p. 683-685.
- KALB, P.; HÖCK, M. (1995) - Monte da Ponte. Prospeção geológica e arqueológica na zona megalítica de Vale de Rodrigo. *Actas de la 3.ª Reunión Nacional de Geoarqueología. Santiago de Compostela 18-20 Diciembre de 1995*.
- KALB, P.; HÖCK, M. (1995) - Vale de Rodrigo (Évora). Projecto interdisciplinar para a investigação do megalitismo numa região do Sul de Portugal. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto. 35:2. p 195-210.
- KALB, P.; HÖCK, M. (1997) - Untersuchungen im Megalithgebiet von Vale de Rodrigo, Évora. *Madridrer Mitteilungen*. 38, p. 1-20.
- KALB, P.; HÖCK, M. (no prelo) - *Investigação na zona megalítica de Vale de Rodrigo. Évora. Megalitismo Alentejano*.
- KALB, P.; HÖCK, M. (no prelo) - Construction of chamber and tumulus. In *Megalithic Tombs-Their Context and Construction. Proceedings of the Conference Kalundborg 21-25 of June of 1995*.